

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
O Trilho do Gato – William A. Wellman
20 e 23 de Dezembro de 2025

Yellow Sky / 1948
A Cidade Abandonada

um filme de WILLIAM A. WELLMAN

Realização: William A. Wellman *Argumento:* Lamar Trotti, segundo uma história de W.R. Burnett
Fotografia: Joe MacDonald *Direcção Artística:* Lyle Wheeler, Albert Hogsett *Montagem:* Harmon Jones
Direcção Musical: Alfred Newman *Interpretação:* Gregory Peck (Stretch), Anne Baxter (Mike), Richard Widmark (Dude), Robert Arthur (Bull Run), John Russell (Lengthy), Henry Morgan (Half Pint), James Barton (Avô), Charles Kemper (Walrus), Robert Adler (Jed), Victor Kilian (Barman), Paul Hurst (Bêbedo), William Gould (banqueiro), Norman Leavitt (caixa do banco), Chefe Yowlachie (Colorado), Eula Guy (mulher no banco), Henry Carter (tenente), Hank Worden (rancheiro), Jay Silverheels (índio).

Produção: Lamar Trotti, para a 20th Century Fox *Duração:* 98 minutos *Cópia:* DCP, preto e branco, falado em inglês e legendado eletronicamente em português. *Estreia Mundial:* 1 de Fevereiro de 1949 *Estreia em Portugal:* 10 de Abril de 1951, Capitólio, Lisboa *Primeira passagem na Cinemateca:* 13 de Novembro de 1993 (“Redescobrir William A. Wellman”):

Para os admiradores de William A. Wellman é um bico de obra escolher entre YELLOW SKY e WESTWARD THE WOMEN como o melhor dos seus westerns (refira-se que nem TRACK OF THE CAT nem ACROSS THE WIDE MISSOURI, para muitos as suas obras-primas, se podem considerar estritamente exemplos do género). Para resolver a questão sem problemas prefiro dar-lhes o mesmo lugar *ex-aequo*. Aliás os filmes têm muito em comum: a paisagem inóspita e desolada, o confronto dos seres humanos com a natureza, a mesma fabulosa fotografia a preto e branco que faz o espectador "sentir" o calor, a poeira, a agressividade dos exteriores (e uma das sequências culminantes dos dois filmes é a travessia do deserto, uma árida planície formada de lama seca onde se enterram os que o cruzam). Ambos se poderiam incluir num sub-género: o western "geológico", mineral, aquele em que domina a paisagem dura e agreste, as formações rochosas impondo a sua presença e força, e onde se poderiam incluir também filmes como COLORADO TERRITORY e ALONG THE GREAT DIVIDE, ambos de Raoul Walsh, THE NAKED SPUR, de Anthony Mann ou THE WALKING HILLS, de John Sturges.

Apesar do que há de comum entre os dois filmes, aquele que YELLOW SKY de imediato nos evoca com o seu começo é THE OX-BOW INCIDENT. A chegada à cidade processa-se exactamente da mesma forma. A única diferença é o número de personagens: dois em OX-BOW INCIDENT, sete YELLOW SKY. A primeira paragem é no bar, seguidos em ambos os casos pelo bêbedo da aldeia, a quem oferecem um copo. O próprio diálogo é quase o mesmo, com poucas variantes, quando pedem as bebidas. E em ambos os filmes os grupos são atraídos pelo quadro com uma mulher nua pendurado em cima do balcão, seguido de comentários idênticos testemunhando o desejo e a solidão. Mas no caso de YELLOW SKY a sequência tem uma função mais precisa, pois ao contrário do filme anterior uma mulher vai ter um papel importante no resto da narrativa. O quadro aviva, portanto, um desejo que vai ser um dos motivos do confronto entre os homens quando chegam à cidade fantasma, e se lhes depara a materialização viva daquela imagem na jovem Mike (Anne Baxter).

Passado este início que quase se justapõe nos dois filmes, YELLOW SKY segue o seu próprio caminho, mais conforme aos cânones do western do que THE OX-BOW INCIDENT (a que chamámos, na folha, um filme "negro" com paisagem do Oeste ao fundo). Mas "conforme", segundo o cinema de Wellman, não quer dizer seguidismo simples. Todos os filmes de Wellman que rigorosamente se podem incluir nos vários géneros em que se dividia a produção dos estúdios de então, contêm nuances e um estilo próprio que acabam por não permitir que a identificação seja total. Em YELLOW SKY há situações e personagens típicos do género mas para além de algumas "regras" que não são cumpridas há também uma distanciação humorística e uma referência cultural inesperada.

Começemos pela última. A história de YELLOW SKY mais não é do que uma variação, em espaço e tempo diferentes, da peça de Shakespeare *The Tempest*, em que a ilha se transforma numa cidade fantasma (abandonada depois de esgotado o filão de prata), Próspero toma a figura de um típico *old timer*, pesquisador de ouro, e Miranda a da sua neta Mike. O mar tempestuoso toma a forma do deserto de lama e por ele aportam os visitantes. A obra de Shakespeare tem sido, aliás, frequentemente abordada de forma pouco ortodoxa. A mesma *The Tempest* deu origem ao FORBIDDEN PLANET, de Fred Wilcox, o *Othello* passou para o mundo do teatro moderno em A DOUBLE LIFE, de Cukor, o *King Lear* tornou-se o RAN, de Kurosawa, e este mesmo realizador levou também para o Japão feudal a tragédia de *Macbeth* em KUMONOSU JO-O TRONO DE SANGUE (que, por sua vez já se transformara em filme "negro" nos anos 50 em JOE MACBETH, de Ken Hughes).

Quanto às primeiras destaquem-se duas situações: o assalto ao banco no começo que se limita a dois ou três planos, transformado num "acontecimento" rotineiro (a reacção do banqueiro e do caixa), filmado de forma irónica com os assaltantes entrando de forma displicente e com as armas nos coldres, como se se tratasse de uma transação "normal". Já muitas vezes referi a construção "circular" de quase todos os filmes de Wellman – YELLOW SKY não foge à regra, porque esta sequência do assalto é retomada para "fechar" a narrativa, sublinhando ainda mais a sua irrisão porque se trata agora de fazer a devolução do dinheiro roubado. Por outro lado, também o clássico duelo escapa aos *clichés* habituais. Por um lado, porque não opõe os adversários da forma habitual: não é homem contra homem e sim três homens, cada um deles empenhado contra os outros dois. E finalmente porque à sua maneira habitual, Wellman usa a elipse para a sequência do tiroteio. A fórmula não era original. Desde que John Ford a usara para o combate de Ringo contra os Plummers em STAGECOACH outros westerns seguiram o modelo de deixar em suspense o espectador (ARIZONA, de Wesley Ruggles, por exemplo), o que não raro suscitava protestos da geral. Mas para Wellman trata-se de uma "marca" pessoal e o que o duelo de YELLOW SKY evoca é o ajuste de contas de Tom Powers em THE PUBLIC ENEMY. Desta vez, porém, a construção dramática é mais poderosa e a elipse não "frustra" o espectador porque a ela se segue uma das melhores sequências do cinema de Wellman: Mike ouvindo o tiroteio e entrando no salão e descobrindo os corpos um após outro. A angústia e expectativa é reforçada na espantosa fotografia de Joe MacDonald. O resultado é um dos mais singulares westerns da história do cinema.

Manuel Cintra Ferreira